

CAPÍTULO XI

DEPOIS DA ONDA: MUDANÇA DE REGIME? (ENTENDENDO A CRISE NO IRAQUE)

*Winston P. Nagan**

O Presidente Bush determinou que os EUA deveriam aumentar as tropas no território iraquiano. Ele está convencido de que pode fazê-lo se puder limpar Bagdá dos cruéis insurgentes, com o Iraque ganhando fôlego para o governo da unidade nacional finalmente se estabelecer como um governo com algum efetivo controle sobre o seu povo, território, instituições governativas e com capacidade de atuar mesmo que modestamente no ambiente internacional.

Nós normalmente destacamos estas qualidades para um país quando nós consideramos que ele reúne condições para seu reconhecimento internacional como Estado. Dita iniciativa é de fato não uma estratégia, mas um mero lance, e a questão crucial é se esta tática tem algum valor estratégico que justifique o investimento da reputação da Nação pela Administração Bush, dos recursos do Tesouro e, o mais importante dentre tudo, das vidas e do bem estar do seu pessoal militar.

O mais óbvio a respeito do conflito no Iraque é que ele é indiscutivelmente considerado sectário. Pode ser que alguns considerem o conflito sectário diferente do conflito étnico. Isto, contudo, não é sustentável. A fundamental conjectura que a maioria dos agentes políticos fazem sobre o conflito étnico é a seguinte: o conflito é incompreensível; as partes lutam por razões completamente irracionais; uma terceira parte imparcial não consegue atribuir qualquer racionalidade para a conduta das partes envolvidas; e, deste modo, é impossível entender o conflito em termos de princípios ou reivindicações negociadas ou racionais. Em tal contexto, agentes políticos que sejam prudentes não irão intervir porque a intervenção seria fútil. Se há intervenção, agentes políticos que sejam ajuizados procurarão limitar esta intervenção porque as perdas envolvidas não podem ser justificadas em bases racionais. O que uma sábia política não deve fazer é expandir a intervenção até o ponto em que seja completamente incompreensível do ponto de vista do protagonista étnico.

* Professor de Direito da Universidade da Flórida-EUA (Levin College of Law), Diretor do Instituto para Direitos Humanos, Paz e Desenvolvimento, Ministro em exercício da Suprema Corte da África do Sul, Professor Honorário da Universidade da Cidade do Cabo-RSA, Professor Colaborador do Programa de Pós-Graduação em Direito da UFBA. Artigo traduzido do inglês por Saulo José Casali Bahia, professor de Direito Constitucional e de Direito Internacional Público da Faculdade de Direito da UFBA.

Isto é pensado para ser uma idéia básica sobre a natureza de conflitos étnicos e os limites da intervenção. Se o termo sectário pode ser usado para enfraquecer a caracterização do conflito, a fim de permitir continuados e custosos compromissos, é uma questão que deve ser seriamente considerada. O conflito no Iraque possui todas as características de um conflito étnico.

Quer denominemos o conflito como étnico ou como sectário, há um fato universal que se impõe. Os sunitas do Iraque não gostam da intervenção americana. Os americanos são seus inimigos. Daí, as tropas americanas mais propriamente do que serem mediadoras são as inimigas dos sunitas. Sadam Hussein, que foi recentemente executado, e cujo irmão foi executado um tanto de maneira bárbara, era sunita. Estas execuções apenas exacerbaram o ódio dos sunitas tanto contra os EUA quanto contra o governo controlado pelos shiitas.

Os shiitas são o outro setor de grupo étnico. É apropriado distinguir entre o governo nacional (cuja maioria é shiita) e as milícias shiitas sustentadas pelo seu partido. Entretanto, os shiitas sabem que darão as cartas quando os americanos se forem, e irão querer ter todas as cartas que possam ter à sua disposição para se proteger dos adversários sunitas. Os shiitas irão sem dúvida se recordar de como o Presidente Bush, o pai, deixou-os expostos como uma oferenda de sacrifício para Sadam Hussein, depois que as potências aliadas deixaram Sadam Hussein no poder com o seu exército Baath. Eles sobreviveram por causa dos shiitas do Irã. Em verdade, os shiitas também apoiam os shiitas do Líbano que se levantaram contra os israelenses recentemente. Os shiitas sabem que os EUA não são seus amigos, e que a mudança de orientação política da Administração Bush teve menos a ver com a democracia no Iraque do que com as preocupações de Israel relativas às ameaças de longo prazo tanto de um Iraque dominado por sunitas sob Sadam quanto por um grande Iran shiita sob os aiatolás. Em suma, os americanos são o alvo legítimo no Iraque dos shiitas.

O Presidente Bush procura expandir o avanço das tropas em um conflito étnico-sectário onde ambos os lados vêem as forças americanas como alvos de ocasião. Ninguém pode imaginar pior cenário tático no qual atuam as tropas americanas. Se isto é correto, poderia existir apenas uma razão para este extravagante sacrifício do sangue americano e de verbas do Tesouro, e esta consiste em que a Administração Bush está ainda confiante de que se remanescer no Iraque tempo suficiente, isto será capaz de gerar um conflito real diretamente com o Irã. Um conflito com o Iraque, da perspectiva da doutrina Bush, terá como propósito mudar o regime iraniano por força. Naturalmente, Bush irá precisar de um incidente para iniciar o ataque.

A questão crítica sobre estas doutrinas de segurança nacional é que quer elas emanem de um partido político ou de outro, elas pretenderam representar o crucial interesse nacional como um todo. O uso de uma tal doutrina, entretanto, poderia

ter não somente um dupla finalidade, mas também um objetivo duplo e radicalmente partidário. Este objetivo poderia ser aumentar o envolvimento americano em conflitos globais como meio de influenciar a próxima eleição presidencial americana. Se isto é verdade, isto bem pode ser o último e desesperado lance da Administração Bush para continuar decisivamente influenciando as eleições de 2008. Se isto é correto, então Bush irá querer manter a dispendiosa presença militar no Iraque tempo o suficiente para ser crucial para a dinâmica eleitoral. Tempo é um fator crítico. Se o momento é adequado, a Administração Bush terá de achar uma desculpa para atacar o Irã. Indubitavelmente, o volúvel líder atual do Irã bem pode fazer isto mais fácil para a Administração Bush com a sua excessiva retórica.

Em caso de conflagração, o partido do Presidente Bush terá vantagens eleitorais significativas. Um conflito expandido e selvagens ameaças compreendendo arsenais nucleares irão sem dúvida explorar a dinâmica da insegurança pessoal no eleitorado doméstico americano. O discurso político será controlado largamente por quem dirigir as instituições de segurança nacional. O Congresso sera marginalizado. A imprensa será emudecida. A opinião crítico-política responsável será acusada como usual de enfraquecer a segurança nacional. A oposição política será acusada de ser impatriótica, e não desejosa de apoiar as tropas. O objetivo será silenciar o próprio debate político.

Em consequência disto, líderes de opinião neste país, especialmente as lideranças parlamentares, observam criticamente e com muito mais cuidado como a Administração Bush irá se conduzir entre agora e 2008. Em particular, o público precisa saber se a Doutrina Bush e seu compromisso de mudança de regime em todo o Oriente Médio, pelo uso da força, continua a ser a doutrina de segurança nacional da Nação. É crucial para os americanos saber quais são os reais objetivos estratégicos da Administração Bush e se estes objetivos correspondem realmente ao interesse nacional. A Administração Bush tem sido lembrada recentemente de que os EUA tem vários meios de promover os interesses americanos, e de que uma excessiva confiança no uso da força pode bem ser contraproducente.